

# **A observação fenomenológica como prática pedagógica: compartilhando experiências de olhar para as crianças e seu brincar com as pedras**

**Lia Mattos\***

**Liandra Ribeiro\*\***

**Nina Bernal Balconi\*\*\***

**Sandra Eckschmidt\*\*\*\***

---

\* Doutoranda em Estudos da Criança (UMinho/Portugal), Mestre em Antropologia (UFSC), Especialista em Arte-educação e Cultura brasileira (UFBA). Aconselhadora biográfica em formação (Associação Sagres). Coordenadora do Espaço Imaginário ([www.espacoimaginario.com](http://www.espacoimaginario.com)). E-mail: [liamattoss@gmail.com](mailto:liamattoss@gmail.com)

\*\* Socióloga (UNB), Mestre em Psicologia Social (USP), pedagoga com aprofundamento em Pedagogia Waldorf (Florianópolis). Trabalhou na Aliança pela Infância e na Escola Casa Amarela Maternal e Jardim de Infância Waldorf. Cantoterapeuta em formação (FRS). E-mail: [liandraribeiro1980@gmail.com](mailto:liandraribeiro1980@gmail.com)

\*\*\* Pedagoga (UFSC) com aprofundamento em Pedagogia Waldorf pelo Curso de Formação de Professores de Florianópolis. Trabalhou no Núcleo de desenvolvimento Infantil (NDI/UFSC) e na Escola Casa Amarela Maternal e Jardim de Infância Waldorf. E-mail: [ninabalconi@hotmail.com](mailto:ninabalconi@hotmail.com)

\*\*\*\* Professora da Escola Casa Amarela Maternal e Jardim de Infância Waldorf, Doutora em Educação (UFSC) e Consultora do Território do Brincar. E-mail: [sandra.eckschmidt@gmail.com](mailto:sandra.eckschmidt@gmail.com)

### Resumo

Este texto tem como objetivo compartilhar os frutos da investigação pedagógica realizada em 2019 pelas educadoras do Centro de Estudos Casa Amarela sobre a relação das crianças com as pedras em seus brincos espontâneos. O ponto de partida do grupo de educadoras é o exercício da observação fenomenológica goetheana, que é a base metodológica da pesquisa utilizada para a construção do conhecimento na Antroposofia, fundada pelo filósofo Rudolf Steiner, e tem como cerne a experiência viva do observador entretecida com a reflexão do mundo vivido, criando um espaço de investigação, aprofundamento, troca e aprimoramento da observação da vida humana, em especial, das crianças. As práticas investigativas realizadas entre as educadoras do Centro de Estudos Casa Amarela têm como objetivo ressignificar olhares e construir diferentes relações, não apenas com as crianças, mas consigo mesmas e com o mundo. O(a) educador(a)-pesquisador(a) precisa afinar sua alma para que ele(a) seja um instrumento apropriado para vivenciar o despertar para o mundo sutil, oculto, que os sentidos físicos não são capazes de alcançar. Este é um movimento que possibilita tecer novas percepções a partir do olhar das crianças e, assim, poder compreendê-las em seu desenvolvimento. A pesquisa, feita em 2019, deu origem ao livro *Aninhar: um olhar para as crianças e seu brincar com as pedras*, publicado em 2021.

**Palavras-chave:** Antroposofia; brincar livre; criança; Fenomenologia Goetheana; pedras.

### Abstract

The current text aims to share the results of the investigation carried out in 2019 by the Casa Amarela Study Center about children's relationship of with stones during spontaneous play. The starting point of this exercise is the goethean phenomenological observation, which is the research foundation method used in the anthroposophical knowledge building. Its core is the observer's experience in life and the pondering that comes with it, creating space for the investigation of human life, growth, exchanges and observation enhancement, especially among children. The investigative practices carried out among the educators at the Casa Amarela Study Center aspire to give new meanings to their perspectives and build different relationships, not only with the children, but also with themselves and the world. The educator-researcher needs to tune his/her soul so that he/she is an appropriate instrument to experience the awakening to the subtle, hidden world, which the physical senses are not able to reach. This movement makes it possible to interlace new insights from the children's point of view and, thus, be able to understand them in their developmental stages. This study fostered the book "*Aninhar: a look at children and their play with stones*", published in 2021.

**Keywords:** Anthroposophy; free play; child; Goethean Phenomenology; stones.

## Introdução

A escrita deste texto partiu da experiência investigativa de um grupo de educadoras na Escola Casa Amarela Maternal e Jardim de Infância Waldorf, situada em Florianópolis – Santa Catarina. Ele tem como objetivo compartilhar os caminhos do nosso último estudo, realizado em 2019, sobre a relação das crianças com as pedras e que deu origem ao livro *Aninhar: um olhar para as crianças e seu brincar com as pedras*. O grupo de educadoras compõe o Centro de Estudo Casa Amarela<sup>1</sup>, um espaço de pesquisa e reflexão que busca contribuir para a compreensão da infância de modo a preservar sua dignidade e plenitude.

O impulso em direção à formação do Centro de Estudos Casa Amarela surgiu, há muito tempo, com a sugestão da pedagoga Waldorf Luiza Lameirão em um encontro de educadoras. Sua indicação era para que, além das reuniões pedagógicas semanais nas quais se compartilham estudos, vivências e acompanhamento dos processos de desenvolvimento das crianças de cada turma, os(as) educadores(as) assumissem como tarefa de aprimoramento das práticas pedagógicas e autodesenvolvimento a escolha de um tema específico para observar ao longo do ano letivo como forma de apropriar-se de forma viva e autônoma do entendimento de sua atuação pedagógica. Esta proposta de estudo e aprofundamento da pedagogia, com ênfase em uma postura investigativa livre e criativa, apresentou-se como o caminho ideal para o aperfeiçoamento das atividades pedagógicas e contínua aprendizagem do grupo docente, além de ser uma importante ferramenta de autoeducação do(a) professor(a) no qual ele(a) pode encontrar o sentido do seu trabalho e sentir-se responsável e ativo(a) na produção de seu repertório de saberes.

Desde 2016, as educadoras do Centro de Estudos Casa Amarela escolhem, a cada ano, um ou mais temas para estudo e aprofundamento, que pode ser realizado individual ou coletivamente, que esteja vinculado

---

<sup>1</sup> Para mais informações: <http://escolacasaamarela.com/centrodeestudos>

à vivência da expressão da criança no brincar livre, buscando um olhar profundo e sensível para seus gestos espontâneos. Dentro desse contexto, escolhe-se uma manifestação que chama a atenção e que se diversifica de acordo com os fenômenos que nos despertam perguntas na convivência com as crianças. O conteúdo colhido nesse percurso é compartilhado com as famílias da comunidade escolar, que não apenas se encantam com a proposta, mas também se sensibilizam para os gestos espontâneos de suas crianças, despertando uma nova forma de observar os seus brincares, culminando na construção de parcerias frutíferas. Estas parcerias possibilitam uma compreensão mais profunda das famílias acerca da importância do brincar livre e, também, orientam a organização e a publicação do material resultante do trabalho anual em diferentes formatos, entre os quais os textuais e audiovisuais, disponibilizados livremente no *site* do Centro de Estudos Casa Amarela, que vem despertando grande interesse por parte de grupos de educadores(as), principalmente da rede pública de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Para o desenvolvimento desses estudos, partimos do exercício da observação fenomenológica goetheana, que é a base metodológica da pesquisa utilizada para a construção do conhecimento na Antroposofia. Segundo o estudioso dessa metodologia, Jonas Bach, “Steiner desenvolveu a fenomenologia de Goethe e expandiu sua aplicação para ciências humanas. A fenomenologia de Steiner é uma ampliação da abordagem goetheana no âmbito psicológico, social, cultural e espiritual da humanidade” (BACH, 2017, p. 132).

O nosso objetivo neste texto não será discorrer sobre a profundidade epistemológica do encontro do modo de fazer ciência de Goethe com o de Steiner, mas compartilhar as experiências vivas do(a) observador(a) entretecidas com a reflexão do mundo vivido, criando um espaço de investigação, troca e aprimoramento da observação da vida humana, em especial, do olhar para o desenvolvimento das crianças.

O verbo ‘olhar’ pode ser entendido como tendo nuances diferentes de observar. Ele é sinônimo do verbo fitar, mirar, ver, contemplar, examinar e, de alguma forma, integra-se ao verbo observar. Porém, este último traz, em sua raiz latina, o sentido de cuidar, de guardar, manter seguro e, mais tarde, foi acrescido da acepção de

perceber e notar. Essa compreensão traz ao ato da observação fenomenológica uma qualidade de olhar além, com profundidade, atenção e minúcia, para que seja possível, posteriormente, expressar um juízo correto do fenômeno. É um ato de vontade em lançar-se ao mundo e encontrar sentido, é uma atividade de elaboração do mundo e de si mesmo. No entanto, o olhar na qualidade de substantivo carrega consigo um novo significado, pois remete a uma maneira de olhar própria, permeada de emoções, sentimentos, reflexões, julgamentos e conceitos.

A educadora Luiza Lameirão, em uma reunião com as professoras da escola Casa Amarela (informação verbal)<sup>2</sup>, lembra-nos que, para colocar-se a caminho da observação fenomenológica, é importante considerar que esse percurso de desenvolvimento humano se constitui de uma atividade humana que pressupõe um grande empenho e esforço interior, isto é, requer ajuda da individualidade para ser sustentado. Nesse sentido, não é uma atividade natural. É uma intenção pessoal que se baseia no seguinte tripé: na decisão individual de enveredar nessa aventura perceptiva (relacionado à organização do EU<sup>3</sup>); na capacidade de concentração no que se propõe a realizar (relacionado ao centro anímico); e na disponibilidade de tempo no qual consigo me comprometer, vinculando-me com ritmos para ganhar consistência (relacionado à vitalidade, à força etérica).

O(a) educador(a)-pesquisador(a) precisa afinar o instrumento de percepção, exercitando a sensibilidade, para que ele(a) seja capaz de vivenciar o despertar para o mundo sutil, oculto, que os sentidos físicos não alcançam. Precisa se reestruturar para penetrar, de modo mais

---

<sup>2</sup> Ideia compartilhada por Luiza Lameirão durante tutoria na Escola Casa Amarela, em 28 de agosto de 2016.

<sup>3</sup> A antroposofia fundamenta sua visão do ser humano em alguns conceitos básicos. Um deles é a quadrimembração, ou constituição quádrupla, composta pela organização física (ou corpo físico), organização vital (ou corpo etérico ou vital), organização anímica (ou corpo astral ou das emoções e sentimentos) e, finalmente, organização do eu (que, na linguagem corrente, pode ser compreendido como Self (Jung) ou percepção integrada de si mesmo). A abordagem do tripé trazida por Luiza Lameirão está referenciando três dessas instâncias, não incluindo um olhar específico para o corpo físico.

profundo, no mundo e alcançar vivências e percepções mais abrangentes de acordo com a visão de Rudolf Steiner. Ele enfatiza que, mesmo quem não tem esse anseio investigativo na alma, mas tem à disposição atributos como: “[...] senso imparcial da verdade, lógica comum ou ‘sensatez natural’ e destituído de preconceitos podem reconhecer os conhecimentos advindos de uma ciência do espírito” (STEINER apud BURKHARD, 2015, p. 127).

Os registros coletados e os aprendizados feitos no caminho de observação no Centro de Estudos são compartilhados em momentos reservados especialmente para esse encontro de olhares, não importando se o tema é individual ou de todo o grupo. É fundamental que se possa espelhar os passos conquistados e receber a devolutiva de outros(as) educadores(as) que também estão comprometidos(as) em lapidar seu instrumento de percepção e compreensão do mundo. Segundo o médico e pesquisador fenomenólogo, Ricardo Ghelman (2001), é um treino que precisa do respaldo dos outros para certificar-se de que o sentimento surge da observação do fenômeno e não uma projeção de si. O consenso do grupo assegura a veracidade da observação e nos possibilita ter certeza de que não estamos cogitando ou inventando um entendimento a respeito do que estamos observando.

Este ato de multiplicar e compor olhares, trocando percepções e aprendizados, é um dos aspectos indissociáveis da proposta de observação e acompanhamento do desenvolvimento das crianças e que norteia nosso trabalho. É também por isto que as publicações do Centro de Estudos Casa Amarela se propõem a ampliar o diálogo sobre a importância da tarefa investigativa dos(as) educadores(as) e o seu papel de pesquisador(a) diante das expressões espontâneas e autênticas das crianças.

## **1. Nosso ninho: de onde partimos**

Apoiadas pelo caminho de observação fenomenológica goetheana, buscamos encontrar, nos gestos e narrativas do brincar, um olhar cada vez mais profundo sobre o universo da criança, da infância e, no caso da pesquisa de 2019, também, sobre o reino mineral,

especialmente as pedras tão presentes no contexto espacial da escola. Portanto, a escolha em observar e registrar o brincar livre das crianças com as pedras está relacionado à sua pertinência ao espaço de brincar oferecido na Casa Amarela, assim como à importância que o grupo docente dá a este elemento tão recorrente nas brincadeiras infantis.

Walter Bos (2016), em seu livro *A Alegria de Observar*, traz-nos a ideia de que o modo como conhecemos o mundo tem relação com a forma como nos relacionamos com ele, pois

[...] antes do fenômeno consciente do conhecimento existe a união do eu e do não-eu. A partir do ser humano e da paisagem vem a existência e só da existência se forma o conhecimento. Antes do conhecimento vem um processo volitivo: eu me insiro no mundo, me dou ao mundo e sou acolhido por ele (BOS, 2016, p. 10).

Segundo o autor, nos tempos antigos, quando o ser humano se inseria no mundo de forma a quase fundir-se nas suas paisagens, era assim. Atualmente, podemos dizer que, para a criança pequena, que vive em unidade e comunhão com o ambiente que a permeia, ainda seja assim. Porém, para o ser humano adulto contemporâneo, que se distanciou deste ambiente e que vive imerso em um mar de impressões, tornando-se estranho a ele, perdeu-se o contato verdadeiro, a conexão com o mundo e, portanto, mudou-se o modo de conhecer o próprio mundo.

Hoje em dia, nosso conhecimento não provém de uma solidariedade primordial e sim da experiência de ser estranho no mundo. O processo do conhecimento não é mais só um aclarar, levar à consciência algo que inconscientemente já existe no mundo. Essa relação primeiramente precisa ser realizada ativamente (BOS, 2016, p. 10).

E, assim sendo, deve ser conquistada por meio de um relacionamento autônomo e autossuficiente que possibilita a construção de uma nova forma de interação com o mundo e de desenvolvimento da percepção sobre ele e sobre si mesmo.

Vale ressaltar que todas as vezes que nos debruçamos, com real interesse, sobre algum assunto, ele passa a permear nossas vidas com força. Portanto, devemos nos perguntar: quando colocamos o olhar sobre algo, quais são as forças que atuam sobre este fenômeno? Acreditamos que quanto mais nos “atentamos” a um fenômeno, mais aspectos ele nos revela, antes obscuros, ou “ocultos” à nossa percepção. Nessa perspectiva, reconhecemos que o elemento “oculto” permeia a vida em todas as formas de manifestação. Quanto mais perto da origem ou essência dos fenômenos, mais rica e mais viva é a relação que estabelecemos. Essa convicção permeia nossa atuação e guia nosso trabalho.

## **2. Um caminho de observação possível: a fenomenologia de Goethe**

Para podermos tecer uma relação mais íntima e verdadeira com o mundo, com as crianças e com nosso fazer pedagógico, realizamos observações e registros. São exercícios de expressão genuína que nos conectam com a força da vontade, com o fenômeno. É a maneira como nos relacionamos com o mundo e exercitamos o olhar para ele.

Guiar-se em um caminho de observação fenomenológica inspirada na forma de fazer ciência de Goethe se tornou, em nosso grupo de educadoras, além de um importante exercício de pesquisa, uma possibilidade de deixarmos de insistir na percepção já conhecida, na visão do que queremos ver que sobrepõe ao mundo aquilo que pensamos saber e permitir-se enxergar o que a vida, por meio das crianças, no caso deste estudo, quer nos mostrar.

O caminho de observação que norteia os nossos exercícios de observação baseia-se em um desenvolvimento que pode ser percebido em quatro passos, mas que não tem a intenção de fixar-se nesse processo como um caminho metodológico único ou enrijecido. A sugestão desses passos apresenta-se como uma possibilidade de iluminar uma trilha desconhecida que exige uma mudança de postura diante da vida e da nossa relação com o mundo e que não fez parte das nossas formações acadêmicas, antes de chegar a Pedagogia Waldorf.

Esses passos receberam diversos nomes segundo o olhar de diferentes pesquisadores que perceberam, nessa metodologia, qualidades distintas.

Ghelman (2001), no seu texto *Fenomenologia de Goethe aplicada*, descreve esses quatro passos incluindo a relação com os quatro elementos. Para nosso grupo de educadoras, a materialidade, bem como a força da imagem da terra, água, ar e fogo evidenciam as características inspiradoras para o nosso processo de observação, afastando-nos de uma receita pronta que empobrece este processo vivo de encontro entre fenômeno e observador (a). Ghelman (2001) ainda inclui para este caminho algumas pré-condições para nos ajudar a retirar os véus e nos aproximar da essência do fenômeno. Podemos afirmar que não se trata de um dom, mas de um exercício, uma habilidade que precisamos buscar.

Entendemos que as pré-condições definidas por Ghelman são a atitude de humildade, capacidade de admiração, interesse, não ter preconceitos, calma interior (silêncio para escutar internamente o mundo exterior). Segundo Ghelman (2001, p. 269), “[...] o verdadeiro interesse, irmão menor do amor, é pré-condição para a metodologia em questão”. Estes são seguidos pelo primeiro passo ou *Passo Terra*. Este é um momento de olhar e descrever o espaço, a estrutura e seus elementos. Tudo o que é mais concreto e que tem uma espacialidade. No nosso caso, que é o brincar com as crianças, olhamos especialmente para o corpo físico da criança expressos nos gestos do brincar. Por exemplo, em vez de falar que a criança está pulando corda, procuramos olhar como se fosse a primeira vez, sem ainda usar conceitos e nomes. Procuramos descrever, neste caso, a posição das pernas, do joelho, quadril, pés etc. e não nomear a brincadeira de pular corda. Os detalhes ajudam para que o nosso olhar fique mais atento, desperto, que é a base da observação. A intenção, nesse momento, não é de análise. Esse exercício nos mostra como costumamos não olhar com detalhes para o mundo ao nosso redor; os conceitos prontos, ou afirmações mais generalistas ao observar um fenômeno, como ‘a criança está pulando corda’, parecem nos cegar para a vivacidade e transformação que existe na singularidade de cada expressão. Depois dessa etapa, entramos no segundo passo, o *Passo Água*. Aqui é registrado o movimento, o fluxo da brincadeira. Saímos do detalhamento espacial para uma qualidade temporal. Na observação do brincar das crianças, as ações nos levam a

cenar e, logo que começam a ser descritas, percebemos que este passo traz os enredos, isto é, as narrativas gestuais e orais do brincar da criança. Para se construir uma narrativa, é necessária a descrição, com riquezas de detalhes, da sucessão de acontecimentos.

O terceiro passo ou *Passo Ar* trata do processo de observação, após intenso detalhamento de aspectos espaciais registrados por meio do olhar, de características mais físicas do corpo da criança que brinca e aspectos temporais registrados por meio do fluxo das narrativas gestuais do brincar, começamos a perceber uma qualidade que Ghelman (2001) denomina como *gesto anímico*. Nas palavras do autor, “o gesto anímico é o gesto que emana do fenômeno e que penetra em sua alma, é o sentimento exato que surge na percepção que você tem do fenômeno” (GHELMAN, 2001, p. 265). Esse passo é relacionado ao sentimento que nasce após o empenho dos exercícios dos passos iniciais. O aprofundamento que conseguimos chegar, após descrever e desenhar os detalhes que descobrimos, faz surgir um sentimento que está relacionado ao *gesto anímico* do fenômeno e que se apresenta, muitas vezes, com imagens. Como o ar que respiramos, esse passo é quando o fenômeno observado, que está fora, entra em nós pelas nossas percepções, que inicialmente foram extremamente sensoriais e concretas, para, então, fazer surgir um sentimento em nós e que se volta para fora por meio de poesia, música, desenho, história ou registros reflexivos. Portanto, quando exprimimos o sentimento que nos perpassou, colocamos no mundo um pouco de nós também. Este movimento é complementado pelo *Passo Fogo*, que seria a quarta e última etapa. Este passo da observação só pode acontecer se os exercícios anteriores forem feitos com muita dedicação. Algo novo se revela do fenômeno quando exercitamos essa ginástica de percepção. Esse passo também pode ser chamado de momento de *intuição pedagógica*, no qual encontramos *insights* para nossa conduta pedagógica. Nesse passo, buscamos o que é essencial, ou, em outras palavras, a identidade daquilo que observamos. Aquilo que, depois de muito tempo, como professoras, conseguimos perceber e saber; aquilo que se repete e podemos encontrar em muitas de nossas observações. Mais uma vez, o registro escrito desta etapa se transforma, passamos de descrições minuciosas para imagens e encontramos a possibilidade

do surgimento de neologismos para compreender melhor o que se está observando. Um processo de abertura de consciência para o fenômeno.

Nesse entendimento, vemos que a percepção e, portanto, a observação, por sua natureza, são incompletas e não nos fornecem a totalidade do mundo. Elas são uma vivência do presente concreto e compõem um primeiro movimento em direção ao conhecimento da realidade. Segundo Bos (2016), as Aulas de Época<sup>4</sup> nas escolas Waldorf constituem-se de três passos: a observação concreta (realizar atividade volitiva); a percepção realizada retrospectivamente (reviver a experiência estimulando o sentimento) e pensamento acerca do que se viveu (desenvolver a consciência).

Observar, para Bos, é uma forma de encontro, uma realidade que apresenta consequências. Assim, “como resposta à observação surge em nós algo espiritual, o qual tem um aspecto de sentimento e um mais reflexivo de pensamento” (BOS, 2016, p.17). São pequenas revelações dos véus que encobrem a manifestação da realidade.

Antes era de outra maneira, o reino dos céus era dado. O mundo divino sempre deu presentes. Hoje em dia, estamos num ponto em que nós mesmos podemos e devemos fazer alguma coisa. Temos que nos unir ao mundo que observamos; cultivar nossos sentimentos e desenvolver nossos pensamentos. E mediante essa união cresce algo em nós e, conosco, e isso é o Reino do Céu. Não o velho céu que nos foi dado. O que se desenvolve é o começo de uma nova criação; é um mundo novo e um novo céu (BOS, 2016, p. 18).

Bos (2016) ainda nos lembra que Goethe descobriu que, por meio dos sentidos, podemos chegar ao mundo sutil, que ele chama de espírito e praticar a observação. Este ato pode nos tornar feliz e nos sanar, uma vez que nos reconecta, reúne a espírito. Seu desejo era “de fazer com

---

<sup>4</sup> São aulas que ocorrem geralmente nas primeiras duas horas do período escolar, preferencialmente pela manhã. Cada Época dura em torno de 4 semanas e, durante este período, o(a) professor(a) aprofunda os conteúdos de determinada disciplina apontada no currículo Waldorf como alimento adequado para o desenvolvimento integral da criança. Para mais informações, acessar: <<https://institutoruthsalles.com.br/pedagogia-waldorf-post/>>.

que meus olhos se tornassem luminosos, puros e claros, e olhar as coisas como são e evitar qualquer arrogância e presunção”. (GOETHE apud BOS, 2016, p. 19). Nesse sentido, Rudolf Steiner (1982, p. 12) fala-nos que existe um “mistério manifesto” que pode ser acessado em partes pelos sentidos físicos quando estes são elevados pelo trabalho do nosso espírito. Para ele, a ciência tradicional pode ser inexata, deficiente e ilusória por causa de erros de observação.

Trazemos um convite para olhar para o que está por trás do manifesto: o que está por baixo da roupagem do mundo acessível aos sentidos? Mediante a observação, podemos estabelecer uma relação e formar um vínculo, mas é preciso exercitar uma alma quieta, como um lago calmo, para podermos espelhar, refletir o que surge à observação e, mais ainda, o que se revela para além do observável. A agitação da alma traz distorções em nossa colheita perceptiva.

Nosso mundo interno e externo se pertencem mutuamente e, por isso, estão sempre interagindo e dialogando entre si. Com uma qualidade de presença, percepção, atenção plena e pensamentos conectados ao mundo, é possível estabelecer um novo contato, isto é, um novo ponto de encontro de percepção de mim mesmo e do mundo, isso constitui a religiosidade na prática, que facilmente reconhecemos na relação das crianças com o mundo em seu entorno. “Quando, mediante a observação, acontece uma comunicação com o mundo, isso tem um significado religioso. *Religare* significa também unir. Isso já pode acontecer na vida do dia a dia” (BOS, 2016, p.17).

Quando nos baseamos na abordagem fenomenológica de Goethe, nossa proposta não é definir ou dar fim às possibilidades do observado ou do vir a ser das crianças, colocando julgamentos, idealizações ou projeções nossas. É uma forma de refinar e apurar os nossos sentidos e revisitar o que já temos conosco. Somos um instrumento de percepção e conhecimento do mundo e, portanto, estamos, a todo instante, em uníssono com o mundo. Poderíamos dizer que esta ação seria um experimentar em si mesmo e, ao mesmo tempo, nos permitir olhar o que está posto.

Porém, quando observamos a vida em todas as suas manifestações, precisamos criar um espaço dentro da nossa consciência, da nossa alma, para esse novo olhar. Só assim o conhecimento pode se

tornar vivo. Mais do que acumular conhecimento trata-se de tornar-se mais sensível e desperto para o mundo. Para nos ajudar em nossa caminhada, deixamos as sábias palavras do poeta Juan Ramon Jimenez que nos dizem: “Vai devagar, não corras, pois aonde tens que ir é só a ti! Vai devagar, não corras, que o menino do teu eu, recém-nascido eterno, não poderá seguir-te!”<sup>5</sup>

### 3.Registro pedagógico como parte da arte de observar

Quando iniciamos este caminho de abertura interior para acolher este conhecimento vivo, conseguimos nos conectar com o tema e abrir nossos sentidos para a colheita e registros de observação. Na Educação Infantil, o registro escrito é considerado uma ferramenta pedagógica fundamental que possibilita ao(a) educador(a) refletir e qualificar a sua prática e são considerados os principais instrumentos de acompanhamento e avaliação. Conforme indicado na BNCC (2017), cada professor(a) precisa observar, registrar e fazer um acompanhamento das aprendizagens, das aproximações das crianças e como elas vivem todas as propostas a partir dos campos de experiência e dos objetivos de aprendizagem. Portanto, no cotidiano, o registro irá se concretizar como uma ação que retrata o vivido e pode ser considerado como um documento norteador e um instrumento de trabalho do(a) professor(a) da Educação Infantil, que não fica somente atrelado à avaliação ou ao exercício de acompanhamento, porque possibilita a articulação dessa ação ao planejamento. Para Madalena Freire, referência importante em nosso país, “[...] o registro é um espaço no qual os professores marcam o vivido – conquistas, descobertas, incertezas, perguntas, medos, ousadias” (FREIRE, 1989, p. 77).

Na Pedagogia Waldorf, o exercício da observação é incentivado aos futuros professores desde a apresentação da antropologia humana segundo a perspectiva antroposófica explanada por Rudolf Steiner. O

---

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://fewb.org.br/imagens/secao/grupos\\_estudos/educacao\\_da\\_crianca.pdf](http://fewb.org.br/imagens/secao/grupos_estudos/educacao_da_crianca.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2021.

fundador desta proposta pedagógica enfatizou a necessidade de se desenvolver um olhar atento e profundo para que possamos conseguir compreender a criança na sua integralidade. Além disso, a discussão pedagógica semanal no grupo de professores do colegiado a respeito dela a partir de passos metódicos faz com que a observação e o registro se tornem práticas fundamentais na atuação do educador. Para a professora Anna Seydel, que apresenta em seu livro um caminho prático para a discussão pedagógica de uma criança, estas práticas podem tornar-se um recurso artístico onde “[...] desabrocha, passo a passo, o conhecimento sobre uma criança ou um jovem, que vai se apresentando a nós sob aspectos cada vez mais claros” (SEYDEL, 2015, p. 11).

A Pedagogia Waldorf traz, com toda a força, o exercício da observação e seu registro como um processo criativo de descoberta da individualidade de cada criança, ao mesmo tempo que torna evidente as recorrências do processo de desenvolvimento humano criando um espaço de aprendizagem. Nos exercícios de observação e registro do brincar do Centro de Estudos da Casa Amarela, esta atividade entrou como um recurso além, pois não se trata da retrospectiva diária ou tampouco das discussões pedagógicas, mas refere-se a um exercício contínuo de olhar e escutar a criança que foi construído em conjunto pelo grupo como mais uma possibilidade de amadurecimento da compreensão da criança e os fenômenos de sua expressão. Assim, a documentação, isto é, o “ registro vai além de um espaço da memória para um lugar de aprendizagem mais profunda sobre a criança, o espaço, os saberes, os fazeres, as relações e, principalmente, sobre nós” (MATTOS et al., 2021, p. 26).

Neste grupo de professoras, cada uma tem um caderno onde, semanalmente, são feitos registros de diferentes tipos: desenhos feitos a mão, relatos, vídeos e fotos. Uma vez por mês nos reunimos para compartilhar o material produzido. Além desse momento de compartilhamento, promovemos vivências do método de observação fenomenológico goetheano para ajudar no processo de observar, com atenção, os mínimos detalhes e relacionar os fenômenos que, inicialmente, pareciam isolados para encontrar um fato único que se revela aos poucos.

No caso da pesquisa abordada aqui partimos de um lugar, a princípio, singelo: as pedras. Um lugar singelo e quase “sem vida”, visto num primeiro momento, torna-se vital quando “re-parado”. Reparar significa, em tantas outras palavras, ver, observar, notar, atentar, constatar, perceber, olhar, verificar. Nossa observação e registros do brincar das crianças segue esse caminho: do ver, observar, notar, atentar e tentamos traduzir isso com outras formas de expressão: desenhamos, filmamos, fotografamos, escrevemos o que vemos, ouvimos e sentimos. Porém, isso não é feito de qualquer jeito, existe uma escolha. [...] Começamos pelo que nos chama atenção... Este início é muito individual e diferente de educador para educador. Conforme entramos em um ritmo de observação, [...] vão surgindo aspectos que se repetem e outros totalmente singulares, fazendo com que o nosso interesse vá se aprofundando e diferenciando [...]. No começo tentamos ser o mais fiel possível e mais próximos do que realmente está acontecendo. Como é esse espaço? O que tem nele? Quem está nele? O que eles fazem? Como? (MATTOS et al., 2021, p. 26-28).

A memória pode falhar sendo um poderoso impulso para, no dia seguinte, olhar de novo, com mais precisão. A forma de escrita também precisa corresponder aos fatos, portanto, não é o momento de interpretações, mas de escrever as coisas como elas se manifestam, atividade característica do *passo terra*. Parece simples, mas é, na verdade, desafiador, pois temos que refrear nosso impulso de acrescentarmos algo ao mundo, para então conseguir decifrá-lo e fazê-lo conhecido.

Após uma coletânea de registros, que nos dá uma perspectiva temporal do observado, sugerido no fluxo de processos do *passo água*, encontramos-nos com as outras professoras que fizeram o mesmo caminho para uma rica troca na qual olhamos juntas, reconhecemos as semelhanças e diferenças e percebemos que, a cada novo encontro, inspiramos umas às outras e expiramos nossos *insights*, sentimentos, descobertas e sensações. Nesse momento, entramos na qualidade do *passo ar*, no qual acontece um mergulho poético nessas imagens

compartilhadas. O potencial do registro está nesta possibilidade de olhar, re-olhar e olhar mais uma vez, reparar, perceber, sentir e escutar o outro e ver que ele viu quase a mesma coisa.

O fenômeno aparece como uma centelha divina que acende em nossos corações e então, um simples gesto cotidiano, se mostra como relicário de grandes mistérios da alma transformado em arte, poesia, músicas, histórias e muito, muito aprendizado (MATTOS et al., 2021, p. 29).

A autonomia da educadora neste processo é enorme e fundamental, uma vez que a nossa prática pedagógica deve estar pautada na observação das crianças, dos seus gestos, silêncios, escolhas e o que estes nos dizem. Esta postura faz com que a nossa prática não esteja vinculada a receitas, modismos ou leis externas, mas às expressões genuínas das crianças e suas necessidades. Nessa perspectiva, todo(a) professor(a) é responsável pela sua busca pela compreensão da natureza humana se estiver com espírito atento e presente no seu dia a dia com as crianças e comprometido com o constante exercício da observação. O *passo fogo*, ou como menciona Ghelman (2001, p. 269), “[...] o topo da montanha”, surge com o amadurecimento deste processo de reflexão que será compartilhado logo a seguir com a construção de reflexões poéticas das narrativas do brincar.

#### 4. Narrativas do brincar e reflexões poéticas

O exercício da observação fenomenológica goetheana ensina-nos a prática cotidiana de olhar e se aprofundar na natureza humana. Para Rudolf Steiner, esse exercício pode ser feito quando colocamos, “no centro da consciência, pensamentos simples, facilmente compreensíveis, e depois, excluindo todos os outros pensamentos, mantemos toda a força da alma sobre essas representações” (STEINER; WEGMAN, 2020, p.12). É um trabalho diário, cuidadoso, sem julgamentos e é, por meio dele, que conseguimos perceber “um conteúdo universal que, antes, talvez, pressentíssemos, mas não conhecíamos por experiência” (STEINER; WEGMAN, 2020, p.13).

No grupo do Centro de Estudos Casa Amarela, começamos o exercício pelo que nos chama a atenção. Após compartilhar o material produzido umas com as outras, conversamos sobre os pontos em comum e os que se diferem, além de dividir as perguntas que nos suscitam, para, então, encontrar um fato único, que é revelado aos poucos e que nos inspira para novas reflexões. Seleccionamos, a seguir, trechos do trabalho de relatos dissertativos e poéticos de cada professora, publicados no livro *Aninhar: um olhar para as crianças e seu brincar com as pedras*<sup>6</sup>, para ilustrar algumas descobertas feitas e as formas de registro com a qual as expressamos:

### **Relato 1**

**Dia: 07/05/2019**

**Classe: Jardim de infância**

**Observadora: Professora Sandra**

*Hoje ao entrar na escola, lá pelos fundos ouvi a professora falando assim: “Margarida’ e suas pedrinhas”. Lá estava ela observando a “Margarida” sem falar com ninguém e sua fala intitula a “Margarida” quase com um suspiro. E assim fiquei com aquele título e comecei a lembrar quantas vezes ela realmente está na posição agachada pegando miniaturas no chão que na maioria das vezes são pedrinhas. Mas depois de uma festa junina, podem ser estrelinhas também. Então “Margarida” me vê e me mostra uma caixinha bem especial e ela explica dizendo: “Aqui vieram meus brincos e agora eu posso guardar minhas pedras preciosas.”*

*Na maioria das vezes quando brincamos no jardim a “Margarida” está sozinha e agachada em posição de cocorinha. Pode estar a maior bagunça ao redor dela, mas ela não se incomoda e fica lá muito tempo procurando e procurando a pedrinha mais especial. Houve um período que teve uma companheira, mas que saiu da escola. As duas ficavam cada uma no seu canto agachadas procurando pedras, e quando finalmente achavam, mostravam uma para outra e pronto, esta era a interação. Muitas crianças gostam de fazer isto, mas não tanto tempo como a “Margarida”. Mesmo sem a sua amiga fiel ela continua*

---

<sup>6</sup> O nome das crianças que aparecem nos trechos retirados na íntegra do livro foram alterados para a presente publicação.

*a fazer isto, mas agora sozinha, e quando acha algo precioso mostra para as professoras. Mas de alguma maneira não parece que achar a pedrinha é tudo. Me parece que esta posição, como criando um mundo próprio, parece ser tudo, e quando acha a pedrinha ela é um canal de comunicação com o nosso mundo fora.*

### **O que chamou sua atenção nessa narrativa?**

1. Algumas crianças gostam mais das pedras, outras da água, qual a relação dos elementos da natureza com as crianças?
2. O que a criança procura na quietude da procura de uma pedrinha especial?

### **Trechos das Reflexões Poéticas**

#### A Pedra Preciosa!

[...] Ao olhar este gesto de crianças agachadas, procurando, identificando para finalmente eleger pedras preciosas, tantas e tantas vezes, nos faz pensar na missão do educador. Será que procurar, identificar, eleger, em cada um de nossos alunos a sua singularidade, a sua individualidade, a sua preciosidade não é uma de nossas principais tarefas? E para isto também precisamos nos debruçar sobre elas, como as crianças fazem ao ficar de cocorinhas sob as pedras. Com delicadeza e profundidade nos adentramos na observação, estudo e convivência com as crianças para encontrar a pedra preciosa que vive em cada um. [...]

### **Relato 2**

**Dia: 06/05/2019**

**Classe: Maternal**

**Observadora: Professora Nina**

*Antes de entrarmos na sala para ouvirmos a história no final da manhã, “Verbena” segurava em sua mão uma pedra lisa, comprida e com alguns vincos. Ela quis entrar na sala junto com sua pedra. Para ouvirmos a história, as cadeiras ficam em roda, e sentada em sua cadeira “Verbena” segurava a pedra com uma das mãos e a cobria com a outra mão (em formato de conchinha). Em certo momento, “Verbena” ofereceu a pedra a “Dente de Leão” que sentava ao seu lado naquele dia e ele logo a pegou. Rapidamente, “Dente de Leão” colocou a pedra*

na boca, a mordendo, e “Verbena” o alertou dizendo que “não é de comer!” Mesmo assim, “Dente de Leão” continuou experimentando a pedra e algum tempo depois comentou: “Ela é dura.” “Verbena” continuava observando silenciosamente “Dente de Leão” até ele devolver a pedra a ela. Quando a pegou, “Verbena” também levou a pedra à boca e repetiu: “Ela é dura.” Depois de um tempo, “Verbena” colocou a pedra ao lado da perna de “Dente de Leão” em cima da sua cadeira. “Dente de Leão” olhou o gesto da amiga, pegou a pedra e devolveu para “Verbena” que, por sua vez, a colocou ao lado de sua própria perna (como se fosse para ouvir a história). Como a história já começaria, e outras crianças começaram a se interessar, a professora guardou a pedra em seu avental.

### O que chamou sua atenção nessa narrativa?

1. Qual a importância, para o desenvolvimento infantil, a criança observar e experimentar?

### Trechos das Reflexões Poéticas



### Relato 3

**Dia:** 22/08/2019

**Classe:** Maternal

**Observadora:** Professora Liandra

*Eu estava cuidando do piquenique, sentada debaixo da goiabeira, dando mexerica para as crianças. Já estava quase no finalzinho quando “Violeta” veio correndo me mostrar uma pedra quase*

*do tamanho da mão dela falando: “Olha a minha pedra da sorte”. “Lírio”, que estava brincando com ela, parou ao seu lado e disse, quase como um eco: “Olha a minha pedra da sorte.” Então, as duas saíram correndo e logo pararam um pouco mais adiante em meio ao jardim. “Violeta” então falou: “filha, perai que eu vou passar protetor em você.” Pegou a sua pedra, passou nas duas bochechas da “Lírio” e falou: “agora na testa”. Passou-lhe a pedra na testa “e por último, nas mãos”, acrescentou, ao passar as pedras nas mãos da amiga. Feito isso, elas saíram correndo juntas e, de longe, pude ouvir “Violeta” gritando: “pode vir, filha, pode correr porque agora já passei protetor”.*

### **O que chamou sua atenção nessa narrativa?**

1. Pedra preciosa, qual o seu real valor para as crianças?
2. O que a pedra tem a ver com nossa sorte, nosso destino na Terra?

### **Trechos das Reflexões Poéticas**

#### Percepção

Percebo. Vibro. Não encontro sentido. Não explico. Fico comigo. Investigo. Me instigo a buscar o que está além do olhar, o que se manifesta na fresta do visível e que nos doa a doçura do sorriso da criança, satisfeita consigo, por ter encontrado no seu brincar, um bom abrigo!

### **Relato 4**

#### **Dia: Outono de 2020, acontecimentos recorrentes nesta estação**

#### **Observadora: Lia**

*Quando passei a observar com mais cuidado a relação da “Jasmim” com as pedras, percebi a necessidade dela sempre pisar nas pedrinhas com os pés descalços. Por estar mais frio no outono em Florianópolis, ela estava sempre de meias ou pantufas e, ao chegar nas pedrinhas, ela tirava as meias e/ou sapato. Pisava com vontade, os pés inteiros no chão de pedrinhas pequenas, não só as pontinhas. O mesmo acontecia quando o desafio era subir no “Pedrão” que temos aqui no nosso quintal, uma pedra bem grande mesmo, bem maior que todo o corpinho dela. No começo ela ‘escalava’ o pedrão com pés, mãos e joelhos. Poucos dias depois, passou a ir abaixadinha com as mãos, quase*

*encostando na pedra e agora já sobe em pé, se equilibrando e com os pés bem espalmados na pedrona. Geralmente brincamos nesse lugar das pedras de manhã nessa época de outono/inverno, pois está mais quente. Subir no pedrão virou um brincar recorrente no cotidiano da “Jasmim” e o desafio agora é tentar pular do lugar mais alto do pedrão para o chão de pedrinhas.*

### **O que chamou sua atenção nessa narrativa?**

1. Por que a necessidade de se pisar descalça nas pedras?
2. Quais os desafios que um ambiente, com pedras grandes, oferece para o corpo e movimento das crianças?

### **Trechos das Reflexões Poéticas**

Pedra Pedrinha Pedrão

*Algumas cabem na palma da mão.*

*Redondas e lisinhas.*

*Umas são grandes, bem pesadas.*

*Outras moram em ninhos, cestinhas, mesinhas de época.*

*Tem noites que algumas chegam na mochila do anãozinho.*

*Em algumas, grandonas, o pezinho em cima se equilibra...*

*estas ficam no chão, não dá pra levantar.*

*Fazem um caminho, às vezes retos, às vezes curvos.*

*O Pedrão é tão grande e alto que cabe o corpo todo, pra subir, pés descalços... no começo, abaixadinha e depois levantando, encontrando o equilíbrio... pés bem espalmados na superfície dura, áspera. Pulo.*

*Algumas, as mais especiais são preciosas... singelos tesouros da terra compartilhados com meus amigos. Algumas navegam e mergulham no banho... outras simplesmente ficam, protegidas em nas mãozinhas, mochilas ou caixinhas.*

### **Considerações finais**

No pequeno-grande universo social de um grupo de crianças, podemos acompanhar o vir-a-ser humano e participar da sua constituição, compreender as relações construídas nas criações diárias expressas na

singularidade de cada criança e fazer parte dessa história. Além disso, podemos testemunhar a manifestação do potencial criativo na expressão espontânea da criança refletindo sobre seu significado para o mundo. Cada gesto quer revelar algo do seu mistério. Porém, é no brincar livre que podemos colher impressões sutis e profundas a respeito e, por isso, é por meio dele que abrimos um caminho de compreensão da criança e da infância como um todo. Daí a importância de salvaguardar o tempo e o espaço do brincar livre em casa e na escola e, também, cultivar a observação desse brincar infantil espontâneo e genuíno, que é, ao mesmo tempo, tão semelhante entre si, mas tão diverso e singular.

Nosso intuito é deixar um convite sempre aberto para a descoberta da habilidade de observar as crianças brincando livremente, ressignificar olhares e construir diferentes relações não apenas com as crianças, mas consigo mesmo e com o mundo (aqui, no caso, especialmente com as pedras) e, assim, poder tecer novas percepções a partir do olhar das crianças para poder olhá-las. Novalis compartilha seu pensamento em que traz a importância da interação com outros seres para a configuração de si mesmo e que achamos relevante compartilhar aqui: “transformação do que é alheio no que é próprio, dedicação. Eis a ocupação ininterrupta do Espírito” (NOVALIS, 1987, p. 419 apud SEYDEL, 2015, p.62). Ela nos faz lembrar que o trabalho investigativo é uma experiência de busca de complementaridade para que consigamos formar uma imagem mais viva e plena do mundo e da criança diante de nós e oferecer-lhes o que é verdadeiramente necessário.

O Centro de Estudos Casa Amarela busca compartilhar saberes nascidos da prática pedagógica; vislumbra ativar a observação da criança a partir do aprendizado colhido no dia a dia e desenvolver a qualidade de observação mais refinada, apurada. Vivemos em um mundo em que o corriqueiro perde seu valor e nossa capacidade de observação adormece. Todos somos capazes de enxergar além do que nos é dado aos sentidos, no entanto, para isso, é preciso querer observar. Todo dia acontecem coisas importantes e reveladoras, porém, devemos escolher um momento, um dia para dedicar atenção especial a um fenômeno pelo qual nos interessamos para descobrir o que é isso que vive entre vocês e o que este quer lhe revelar. Essa postura pedagógica desenvolve

uma sensibilidade para atuação que nos permite usar nosso conhecimento pedagógico para inspirar novas ideias, como uma fonte fresca e pura a nos nutrir continuamente.

Para não ficarmos apenas no âmbito cognitivo, queremos provocar-lhes à ação, pedindo que dediquem um tempo às pedras. Qual sua relação com as pedras? Ela pode ser inventada, pode ser uma memória revisitada de sua infância, pode ser uma nova vivência ou um relato da sua observação cotidiana do brincar livre de uma criança próxima a você. Depois desse tempo dedicado, o desafio é transformar essa experiência em uma linguagem externa, seja ela uma história oral, um registro escrito, uma elaboração artística, o importante é o esforço de comunicar a experiência, compartilhá-la.

## Referências

BACH, J. *Fenomenologia de Goethe e educação: a filosofia da educação de Steiner*. Curitiba: Lohengrin, 2017.

BOS, W. *A Alegria de observar: o caminho do desenvolvimento comum do homem e da natureza*. São Paulo: Grupo de Ciências Waldorf do Brasil, 2016.

BURKHARD, D. *Nova consciência: altruísmo e liberdade*. São Paulo: Antroposófica, 2015.

BRASIL. CNE/CEB. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Etapa da Educação Infantil*. Brasília, 2017.

FREIRE, M. *A paixão de conhecer o mundo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GHELMAN, R. Fenomenologia de Goethe aplicada. In: MIKLÓS, A. A. W. (org.). *A dissociação entre Homem e Natureza: reflexos do desenvolvimento humano*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2001.

MATTOS, L.; RIBEIRO, L.; BALCONI, N. B.; ECKSCHMIDT, S. *Aninhar: um olhar para as crianças e seu brincar com as pedras*. Florianópolis: Centro de Estudos Casa Amarela, 2021.

SEYDEL, A. *Eu sou tu: conhecimento infantil com responsabilidade pedagógica*. 4 ed. Trad. Renato Gomes. São Paulo: FEWB, 2015.

STEINER, R. *A ciência oculta: esboço de uma cosmovisão supra-sensorial*. São Paulo: Antroposófica, 1982.

\_\_\_\_\_.; WEGMAN, I. *Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar: segundo os conhecimentos da ciência espiritual*. 5. ed. São Paulo: Antroposófica: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, 2020.